

# O ESPIRITUALISMO E OS NOVOS TEMPOS

**GASTON LUCE**  
O BIÓGRAFO DE LÉON DENIS



Autores Espíritas Clássicos



[www.luzespirita.org.br](http://www.luzespirita.org.br)



**GASTON LUCE**  
**O ESPIRITUALISMO E OS NOVOS TEMPOS**

Original em francês, de 1946:

**GASTON LUCE**  
**LE SPIRITUALISME ET LES TEMPS NOUVEAUX**

Tradução: Fabiana Rangel

Prefácio: Jorge Hessen

Revisão: Irmãos W. e Jorge Hessen

Compilação: Charles Kempf (Presidente da Federação Espírita Francesa)

Formatação: Ery Lopes

Versão digitalizada:

© 2019

Distribuição gratuita:

***Portal Luz Espírita***

***Autores Espíritos Clássicos***



**Gaston Luce**

O ESPIRITUALISMO  
E OS  
NOVOS TEMPOS

---

**TOURS**

**GASTON LUCE - LE SPIRITUALISME ET LES TEMPS NOUVEAUX**

CAHIERS DU COLOMBIER N° 3

*14, RUE ÉLISE-DREUX*

**1946**

Impresso por

**L'IMPRIMERIE CLEMENCEAU ET GICQUEL.**

em Tours, 1946

**GASTON LUCE EDITOR**

Depósito Legal — 1946 — 1º trimestre

# ÍNDICE

Prefácio.....	05
Biografia de Gaston Luce.....	07
I - A Imortalidade é uma Questão sem Importância	
Afirmção.....	11
Constituição do Homem.....	11
O Homem-Espírito.....	12
Espiritualismo – Espiritismo – Angelismo.....	13
Nosso Vir a Ser.....	13
Profetismo – Mediunidade.....	14
Razão e Intuição.....	15
Aperfeiçoamento do Ser moral.....	16
Vidas Sucessivas.....	17
O Mal.....	17
II - Olhada Retrospectiva	
O Espiritismo.....	19
A Metapsíquica.....	20
Metapsíquica e Teologia.....	20
Espiritismo e Metapsíquica.....	22
Cristianismo e Espiritismo.....	23
Ilusão Perniciosa!.....	24
A Encarnação.....	25
Falta de Medida.....	26
Revelação Progressiva.....	27
III - Nova Orientação	
O Espiritualismo e a Religião.....	29
Nova Orientação.....	31
A Sociedade da Verdade.....	32

# PREFÁCIO

Em “O espiritualismo e os novos tempos”, Gaston Luce palmilhou por narrações de eventos sintetizados e bem organizadas no corpo da obra. Em verdade, nos lastros dos seus artigos publicados através de La Revue Spirite, comprova ser uma pessoa de convicção robusta, alma de crente, de filósofo, de poeta, de sábio e de escritor, ou, melhor dizendo, demonstra ter uma bondade aliada a muita dignidade, simplicidade, modéstia. E como se não bastasse conviveu na magnífica companhia de Léon Denis, seu amigo.

Constituiria a imortalidade numa questão sem importância? Foi buscar resposta no “Diálogo do Fédon”, de Platão transcrevendo o trecho: “Se é muito difícil saber toda a verdade nesta vida eu estou convencido de que não examinar muito exatamente aquilo que se diz e se abater antes de ter empreendido todos os seus esforços, é a ação de um homem mole e preguiçoso, pois é preciso, de duas coisas, uma: ou aprender dos outros aquilo que se é, ou descobrir por si mesmo”.

Na constituição do homem nota que o corpo físico não é o homem inteiro e através dele nós não sabemos nada sobre o interior do homem. E novamente recorrendo a Platão, ressalta que há em nós uma alma razoável, uma alma emotiva e uma alma vegetativa que ele situa respectivamente na cabeça, no peito e no ventre. A cada um corresponderia o instinto, o sentimento e a razão. Gaston Luce coloca que em nosso vir a ser, considerando que se compenetrem estreitamente, os dois corpos, o físico e o espiritual, são, por sua natureza, estranhos um ao outro. Que o laço vital que os une seja rompido, que o cinzel do Parque venha cortar o fio, que o cordão de prata se rompa, e o homem-espírito retorne a seu lugar de origem; e é a morte do corpo material dada aos elementos que o compõem.

Gaston reafirma que os dois estados da existência: vida terrestre e vida supraterebre, não são estranhos um ao outro porquanto tenham um laço comum, que é o corpo espiritual. Encontre esse corpo alguma independência e alguma agilidade, e logo ele manifesta seus poderes. Resulta momentaneamente uma extensão de faculdades do espírito que se traduzem pelo profetismo, ou como se diz agora, a mediunidade. Até porque o espírito humano tem duas faculdades mestras: razão e intuição. Elas deveriam agir em conjunto, mas seria preciso que o acordo fosse perfeito. O homem não é apenas um enigma, mas um lugar de contradições.

Do grande movimento de ideias no qual tomou lugar o espiritismo, busca-se em vão na história algum outro que possa ser comparado a ele. Sua repercussão no domínio religioso e no domínio científico foi e permanece considerável.

Para Gaston os fatos que a metapsíquica estuda não variam em nada e são limitados em sua quantidade. Não se pode forçá-los nem os renovar segundo a vontade dos experimentadores, o que resfria sua atenção. “O espiritismo será científico ou ele não será” Essa frase de Allan Kardec, muito frequentemente citada, não parece ter sido sempre bem compreendida.

Opina que aqueles que, a partir daí, julgaram necessário encerrar o espiritismo no estreito quadro da experimentação científica, estavam enganados e entenderam mal o pensamento do Codificador. O desejo de reproduzir os fatos, de acumular as provas, levou muitos médiuns e experimentadores imprudentes a um fundo de aparências, onde a mente frequentemente tropeça e não consegue mais se reencontrar. Não poderia advir nenhum bem real daí mas havia nisso mais que um obstáculo, onde o menor foi o descrédito.

Gaston admite que o objetivo do espiritismo nunca mudou. Apesar de algumas divergências de método, ele se desenvolveu segundo as diretrizes dadas por Allan Kardec. No mais, elencou as principais características da doutrina, tal como as encontradas formuladas na introdução do O Evangelho Segundo o Espiritismo, que a rigor não perderam nada de sua atualidade.

Na terceira parte da obra é abordada a questão do espiritualismo e a religião, demonstrando que o espiritualismo observa uma atitude fundamentalmente religiosa. Ele é religioso sem deixar de recomendar a ciência, pois a ciência não exclui a religião. Em princípio, e de fato, são inseparáveis. Mas atesta que o espiritualismo não é o metapsíquico. Este tem em vista o progresso científico, o espiritualismo vê especialmente os ganhos do espírito. Ora, esses ganhos só podem ser estabelecidos nos planos elevados da vida, através da comunhão espiritual com os verdadeiros vivos que são os mortos gloriosos. Ali as leis divinas são observadas, a comunhão se estabelece de acordo com essas leis; ali, por um tempo, estamos no domínio do amor, que é o da obediência a Deus.

Ao final da obra faz citação daquilo que nomeia como a “sociedade da verdade”

Transcrevendo o último capítulo de Cristianismo e Espiritismo, de Leon Denis onde são impressas essas linhas do início do século: “A terra viveu muitos dias sombrios, muitos dias de luto; outras tempestades estourarão e as tempestades passarão. O céu azul reaparecerá. O trabalho divino florescerá em uma nova eclosão. A fé renascerá nas almas e o pensamento de Cristo brilhará novamente”.

Jorge Hessen

São Paulo, 2 de junho de 2019

# BIOGRAFIA DE GASTON LUCE

Gaston Luce, escritor espiritualista afastou-se do nosso mundo em 11 de janeiro de 1965, às 17 horas aproximadamente. Nasceu a 03 de março de 1880, em Néman, Comuna de Avoine (Indre-et-Loire). Estou na Escola Normal de Instrutores de Loches, fazendo, corajosa e entusiasticamente, o de educador.

Em sua grande alma muitos outros problemas iriam asilar-se preocupando-o. Houve, em sua vida, dois acontecimentos bem expressivos: o de esposar uma médium de bom potencial, e de se tornar amigo do mestre Léon Denis. Sua sensibilidade poética era bem pronunciada, tinha verdadeira vocação para escritor, de maneira que sua inclinação para com coisas espirituais torná-lo-ia, mais tarde, um literato espiritualista dos mais notáveis de nossa época. Todos empreendimentos visando as pesquisas espirituais o atraíam, tanto que foi membro da Sociedade Francesa de Estudos Fenômenos Psíquicos, da União Espírita Francesa, da Sociedade dos Amigos da Casa Espírita, e Druida do colégio Hardique de Gaules.

Com Paul Lecour, Philéas Lebesque, Henry Bac, Paul Valery, Mario Meunier e muitos outros, fundou o Centro de Pesquisas Atlanteanas na Sorbonne, enfim, fundou, há dezessete anos com a sra Claude Noel, o Círculo Tourangense de Estudos Metapsíquicos, de que foi Presidente de Honra. Colaborou em numerosas revistas: La Revue Spirite, Atlantis, La Tribune Psychique, (Revue Survie Provavelmente) e muitas outras.

Suas principais obras espiritualistas são "Léon Denis, O Apóstolo do Espiritismo", "Espiritismo e Renovação", "De Platão a Dante", "Uma pomba que esvoaçava", verdadeiro cântico de amor dedicado à companheira que partira. Suas predições poéticas plenas purezas, propiciaram-lhe o Diploma de Honra do 18º Congresso de Escritores em Lyon-Condrière, em 1949, tendo sido, por duas vezes laureado pela Academia Francesa (prêmio Archon Despriaux em 1913). São numerosas as plaquetas de versos de sua autoria, das quais citamos, por exemplo: Minha

Touraine; Luzes que se extinguem; O jardim de Ronsard; Sonetos Ligeriense; O Escrínio Real; Magias; As Prebendas de Oê; As Rosas no Cercado.

Gaston Luce foi agraciado com a Cruz de Guerra, 1914-1918, e com título de Oficial da Legião de Honra; e que tanto na guerra, como na vida civil, cumpriu seu dever, todo seu dever, mais que seu dever. Alcançara o posto de Subtenente, quando perdeu o braço direito, o que lhe fez sofrer todo o resto da vida. Retornando a vida civil fundou a "Mutua dos Antigos Combatentes do 66º R.I."; foi escolhido para presidente "Poilus de Touraine" (\*), alistou-se como membro dos amputados de Guerra da França.

*(\*) "Cabeludos de Touraine" - Expressão dada àqueles que voltavam dos campos de batalha, quando da Guerra Mundial.*

Acima de tudo, porém, Gaston Luce foi um homem de assinalado valor moral; um bom, mais de uma bondade muito grande, aliada a extraordinária dignidade, simplicidade e modéstia. Deles nos recordamos a todos momentos, e agora, lá das plagas espirituais, em que se encontram sua companheira Ângela Luce e seu mestre Léon Denis, ele sem sombra de dúvidas, esparge, constantemente, suas vibrações consoladoras sobre os amigos que, aqui na terra, o amam e modestamente procuram trilhar a estrada que palmilhou.

BERNARD GENTY

Presidente do Círculo Tourangense

(Traduzido de "La Tribune Psychique", número de abril-maio-junho, 1965.)

\*\*\*

Como complementação a este artigo do Sr. Bernard Genty, apresentamos, a seguir, alguns trechos de um artigo do Sr. Hubert Forestier em la Revue Spirite nº março-abril deste ano, e de outro publicado por La Nouvelle République du Centre-Ouest e transcrito pela mesma revista fundado por Allan Kardec.

O Sr. Forestier inicia o seu artigo com estas palavras:

"A medida que são viradas as páginas do grande livro das existências, vemos apagar-se do nosso plano humano queridas figuras, seres amados que, no entardecer de seus anos, concluíram suas tarefas terrestres, adquirindo, assim, o direito de gozarem algum repouso na paz espiritual, momento em que passarão a ter a visão de novas realizações, através das vidas futuras.

"Gaston Luce foi, entre nós, daqueles cuja grandeza d'alma, nobreza de sentimentos, simplicidade e valor indiscutível, me fizeram descobrir nele, desde o primeiro encontro, a existência de um coração de irmão mais velho, de verdadeiro amigo, tanto nas horas felizes, como nos instantes sombrios e pardacentos de nossa vida.



"A guerra e os anos cruéis que se seguiram a 1939, separando a França, não puderam, em realidade, insular os franceses uns dos outros, e menor, ainda os que se amam.

"A 2 de Outubro de 1943, Ângela Luce cerrou os olhos, libertando-se do mundo ainda tão convulsionado. Sob o título: Uma Pomba que esvoaça. Gaston Luce consagrou à memória de sua esposa páginas de sóbria grandeza. Reunidas piedosamente, formaram, assim, um precioso livro, verdadeiro relicário, cuja edição se encontra esgotada. Trata-se de um livro emocionante repleto de suave poesia, da sobrevivência da alma.

"Há um mês que ela morreu! No lato sentido dessa palavra, teria ela morrido?" Assim inicia o autor, e, através de suas páginas, procura ele provar que sua bem-amada vive santificada pois seu martírio, enobrecida por sua clarividência, espiritualizada por seus guias.

"Gaston Luce, em seus artigos publicados através de La Revue Spirite, deu-nos possibilidade para que apreciássemos a sua alma de crente, de filósofo, de poeta, de sábio e de escritor."

Do artigo intitulado - "Uma figura tourangense desaparece - Gaston Luce", publicado por La Nouvelle République du Centre-Ouest, extraímos o seguinte:

"Decorridos alguns dias do decesso de Gaston Luce, houve, no Circulo Tourangense de Estudos Metapsíquicos, uma reunião em que o Sr. Henry Bac pronunciaria instrutiva conferência sobre "As Virgens do Sol". O Sr. Bernard Genty, que presidia a essa reunião, antecedeu-o com esta emocionante alocução:

"Senhoras, Senhorinhas, Senhores:

"Antes de apresentar-vos nosso eminente conferencista, cumpro um penoso e indeclinável dever: nosso fundador e Presidente de Honra, Gaston Luce, deixou o nosso mundo, evolvendo o seu espírito para o Além. Há dezessete anos que, através de uma mensagem mediúnica de Ângela Luce à Claude Noël, dedicada e corajosa médium, a esposa dele pediu-lhe empreendesse um movimento espiritualista na cidade de Léon Denis, e foi assim, pois, que nasceu este Círculo em casa do Sr. Gaston Luce.

"Todos vós que assistiram a esse nascimento e que tiveram a oportunidade de, pessoalmente, conhecer Gaston Luce, bem sabeis quanto o nosso fundador foi um homem cheio de qualidades. Instruído, pesquisador, meditativo, suas opiniões eram muito apreciadas pelos espiritualistas; suas pesquisas, nesse domínio, foram facilitadas pela presença, em sua casa, de sua companheira, que era médium de excepcionais qualidades e de grande elevação.

"Gaston Luce foi, sobretudo, um homem de grande gabarito moral, manifestava incessantemente extraordinária bondade, ou, melhor dizendo, bondade aliada a muita dignidade, simplicidade, modéstia. Freqüentou, é certo, excelente escola,

como amigo que foi de Léon Denis.

"A recordação de Gaston Luce ficará em nossas memórias até que, por nossa vez, passemos para o mundo espiritual."

Revista Reformador, julho de 1965

*"Nosso dever comum hoje é o de fazer com que o mundo compreenda, antes que seja tarde demais, que nossa civilização não pode sobreviver senão pela aceitação dos princípios cristãos nas relações internacionais tanto quanto na vida nacional."*

*(Palavras do Sr. Attlee, primeiro ministro da Grã-Bretanha, pronunciadas diante do Congresso Americano, em Washington, no dia 13 de novembro de 1945)*

# I

## A IMORTALIDADE É UMA QUESTÃO SEM IMPORTÂNCIA

### Afirmação

No diálogo do Fédon, Platão entrega à Símiás as seguintes palavras, sobre a imortalidade: “Se é muito difícil saber toda a verdade nesta vida – observa o interlocutor de Sócrates – eu estou convencido de que não examinar muito exatamente aquilo que se diz e se abater antes de ter empreendido todos os seus esforços, é a ação de um homem mole e preguiçoso, pois é preciso, de duas coisas, uma: ou aprender dos outros aquilo que se é, ou descobrir por si mesmo”.

Pascal retoma esse ponto de vista em seus Pensamentos quando escreve: “A imortalidade da alma é uma coisa que nos importa tanto que é preciso ter perdido todo o sentimento para estar na indiferença de saber o que se é”.

A causa dessa falta de curiosidade é fácil de adivinhar: as pessoas querem viver suas vidas; fica-se indiferente à própria morte. Mas é uma indiferença dissimulada onde atravessa a inquietude: procura-se evitar uma questão incômoda, deixa-se para chamar o padre no último momento. É preciso, contudo, convir que o pensamento dos homens é sempre fixado sobre o depois da morte. Dante não é tenro com os que negam:

“A mais bestial, a mais preguiçosa e a mais perniciosa de todas as imbecilidades humanas é aquele que afirma que não há nenhuma vida pós-morte”.

O espiritualismo casado ao sentimento universal e baseado na experiência afirma a vida após a morte. Sem alterar em nada a razão filosófica, não mais que o sentimento religioso, ele leva a um e outro um apoio dos mais reais.

### Constituição do Homem

Nós sabemos o que é, psicologicamente, o homem; mas o corpo físico não é o homem inteiro e através dele nós não sabemos nada sobre o interior do homem.

Com relação à constituição integral do ser humano, o espiritualismo leva certas noções que confirmam o ensino dos sábios do passado. E essas noções não vêm pelo estudo dos textos, mas pelas revelações emanadas do Além, confirmadas pela experiência.

De acordo com essas noções, o homem é triplo, como quer o ensinamento tradicional. Entre o corpo material e a alma que lhe comunica a vida, existe um mediador plástico, o corpo espiritual, suporte do espírito.

É bom observar que esse corpo de natureza especial, sobre o qual São Paulo nos fala em suas Epístolas, teve um papel primordial no cristianismo primitivo, pois está na base dos carismas que ele tanto menciona nos escritos sagrados. Argumento-chave da filosofia platônica e neoplatônica, com Jesus de Nazaré ele se torna o pivô do ensinamento secreto dado aos apóstolos.

Um corpo de carne, um corpo espiritual que o penetra em todas as suas partes, uma alma que comunica a vida a esse corpo, tal é o homem manifesto enquanto indivíduo e enquanto pessoa, com sua marca original e o caráter que lhe é próprio.

## O Homem-Espírito

Platão, porta-voz da sabedoria antiga, disse que há em nós uma alma razoável, uma alma emotiva e uma alma vegetativa que ele situa respectivamente na cabeça, no peito e no ventre. A cada um corresponderia o instinto, o sentimento e a razão. Segundo Boëhme, a alma é o primeiro princípio, ela é imortal, mais alta que os anjos. Digamos que ela é divina e, como tal, incorruptível.

É bastante difícil, para não dizer impossível, localizar a alma. Como ela ocuparia um lugar? Em todo o corpo, lá onde estão os órgãos essenciais, ela age, ela parece presente; mas é no topo do ser que ela reina. Ela está no nosso corpo, transbordando-o em todas as partes. O infinito é seu domínio.

Por sua própria natureza, a alma é de tal modo estrangeira ao corpo físico, ainda que unida a ele durante a vida terrestre, que ela não poderia agir sobre esse corpo sem o mediador plástico que é o corpo espiritual.

O corpo espiritual, agente do espírito, é o veículo da alma.

O tipo-homem é então originalmente um espírito. O homem-espírito tem, então, por natureza, a preeminência sobre o homem de carne; ele representa o homem verdadeiro, e é nessa perspectiva que a versão dos livros sagrados é aceita. O homem-espírito, o Adão da Gênese, (encarnado no homo sapiens, no início da evolução animal de nossa espécie) pelo efeito de uma transgressão às leis divinas, encontrava-se na obrigação, que é uma necessidade, de se restabelecer em suas prerrogativas originais se libertando da escravidão do corpo material.



Daí se tem os ensinamentos das religiões.

## Espiritualismo – Espiritismo – Angelismo

O primeiro desses termos é muito vago para alguns; o segundo é geralmente tomado num sentido negativo; resta o terceiro.

Retomando a ideia de Swedenborg, Conan Doyle propunha substituir a palavra angelismo por espiritismo. Era muito perigoso, a frequência de anjos sendo um privilégio muito raro. Entretanto, se a modéstia é aqui colocada, convém observar que as grandes religiões afirmam que os homens têm o poder de eleger por vezes relações com os hóspedes do Céu.

“A questão dos anjos - escreveu o Doutor Rolt-Wheeler - não é somente religiosa, mas psicológica; não somente espiritual, mas psíquica; não somente subjetiva, mas objetiva”.

Se o termo angelismo é ambicioso, ele não é menos exato. Os anjos e os espíritos dos homens desencarnados de alto mérito são ministros da ordem eterna. A emanção da Força espiritual de Deus, acordada por sua infinita sabedoria e bondade a todas as hierarquias, manifesta-se e se transmite aos homens por ordenamentos justos, disse Dionísio.

Os espíritos humanos dos mundos superiores são verdadeiramente submetidos às mesmas leis que os anjos e têm, como estes, poder de acesso e poder de ação em nosso mundo fenomenal. A telepatia e a telestesia, por exemplo, que parecem reger certas mudanças espirituais, abrem sobre o mundo do espírito e dos espíritos perspectivas sem fim. E tudo isso se encadeando sobre o plano real.

Espiritualismo, espiritismo, angelismo, é tudo um. O que importa não é a palavra, mas a coisa.

## Nosso Vir a Ser

Ainda que se compenetrem estreitamente, os dois corpos, o físico e o espiritual, são, por sua natureza, estranhos um ao outro. Que o laço vital que os une seja rompido, que o cinzel do Parque venha cortar o fio, que o cordão de prata se rompa, e o homem-espírito retorne a seu lugar de origem; e é a morte do corpo material dada aos elementos que o compõem.

A morte não é, então, a extinção da pessoa humana, mas exatamente a partida do corpo espiritual chamado a uma nova orientação da vida consciente em um

mundo que está além do mundo em que estamos.

“A morte não nos destrói, ela nos torna invisíveis”.

Devemos, entretanto, pensar que sobre o corpo que perdura, ou seja, o corpo espiritual, a vida terrestre deixou sua impressão. O filme dos dias se desdobra na árvore da consciência e do inconsciente; ele faz parte integrante do corpo espiritual. Nesse sentido, toda vida é um enriquecimento, a menos que ela não tenha sido uma regressão, se foi irremediavelmente descuidada.

O corpo espiritual é um instrumento registrador de uma maravilhosa sensibilidade. Se os baixos apetites, as paixões grosseiras obscurecem as aspirações do coração e de toda a natureza mental, por outro lado, o exercício das altas virtudes, a prática do bem têm por efeito elevar o ser acima de si mesmo, de aproximá-lo de sua alma divina.

Por efeito de leis admiráveis, o homem-espírito se reencontra na outra vida tal como se fez aqui embaixo, pois ele constrói a si mesmo. A solidez do edifício depende da qualidade de materiais que ele escolheu para si e dos quais fez uso. Assim como foi, assim ele se encontra quando desfeito o ponto que liga os dois mundos.

A vida terrestre e a outra vida se sustentam; uma condiciona a outra. Nosso vir a ser depende de nós mesmos, nós somos os próprios artesãos de nosso destino, nada se perde dos nossos esforços para o melhor.

Não poderíamos ser indiferentes a tal perspectiva, especialmente porque Deus não se desinteressa pelo trabalho e que Ele está sempre aí para agir no sentido de nossa salvação.

“Deus dá a cada um segundo suas obras: reservando a vida eterna àqueles que, pela perseverança no bem, buscam a honra, a glória e a imortalidade”. (Rom. 2:7.)

## Profetismo – Mediunidade

Os dois estados da existência: vida terrestre e vida supraterrrestre, não são estranhos um ao outro porquanto tenham um laço comum, que é o corpo espiritual. Encontre esse corpo alguma independência e alguma agilidade, e logo ele manifesta seus poderes. Resulta momentaneamente uma extensão de faculdades do espírito que se traduzem pelo profetismo, ou como se diz agora, a mediunidade.

A mediunidade é, então, um estado psico-mental no curso do qual a sensibilidade se encontra avivada, em consequência da ação mais intensa do corpo espiritual, no qual estão libertos os entraves carnis.

Essa hipersensibilidade não tem nada a ver com nervosismo; são duas coisas

completamente diferentes. A mediunidade requer um estado mental equilibrado que o transe não afeta em nada, porque ele é dominado. O sensitivo se encontra informado diretamente pelo efeito de uma extensão da atividade dos sentidos: a visão se torna previdência, clarividência, vidência; a audição se torna clariaudiência, a inspiração lança o curso do pensamento verbal ou escrito; a telepatia e a telestesia brincam de um mundo a outro nos dois caminhos convergentes da ética e da estética, provocando fenômenos surpreendentes, maravilhosos porque são incomuns.

De um modo menos definido, mas, no fundo, análogo, o engenheiro, o escritor, o poeta e o artista se encontram, em certos momentos de seus trabalhos, em um estado próximo ao da mediunidade.

Deve-se notar que os sujeitos sensíveis são geralmente encontrados em mulheres, e isso é explicado naturalmente.

A mediunidade, no sentido em que se deve tomar a palavra, não é nem um acidente nem uma doença, mas simplesmente uma disposição da pessoa humana em permitir a manifestação de dons especiais cuja causa é, sem dúvida, invariável.

Pode ser que a manifestação desses dons esteja ligada a um estágio evolutivo do ser ou a um estado especial de graça, como ensina São Paulo em sua pregação.

## Razão e Intuição

O espírito humano tem duas faculdades mestras: razão e intuição. Elas deveriam agir em conjunto, mas seria preciso que o acordo fosse perfeito. O homem não é apenas um enigma, mas um lugar de contradições.

A razão repousa sobre uma ordem de fatos tangíveis; ela se baseia na experiência, daí o favor e a importância que se lhe reconhece justamente.

Os gregos, povo eminentemente religioso, ainda que racionalista, reconhecem na Razão armada seu guia tutelar, sua deidade superior e protetora; mas de igual modo eles invocavam Apolo, e o santuário de Delfos fazia pender o Parthenon.

A intuição é a revelação de uma verdade que se encontra além dos fatos. Ela vem em clarão e sem nenhum esforço de atenção. A razão não seria nada sem ela. É sobre os dados que lhe são fornecidos que a razão exerce com grande trabalho seu poder de análise. A intuição fornece os materiais como que se jogando; a razão escolhe e constrói.

Importa, então, coordenar na medida do possível o jogo dessas duas faculdades. A inteligência tem necessidade de ser alimentada, avivada, estimulada sem parar. É das fontes de intuição, de onde jorram correntes de pensamento que se nomeiam inspiração, profetismo, vidência, que ela extrai sua base. É desse fundo

misterioso que vêm as principais conquistas do saber, e esse fundo não seca jamais.

A alma humana não revela seus tesouros eternos senão aos que buscam a verdade. O espiritualismo opera a prospecção do além em um objetivo, não duvidoso, de compreensão das leis da vida e da elevação moral. E se pode dizer que os resultados obtidos há apenas um século de trabalho estão longe de ser negligenciados.

## Aperfeiçoamento do Ser moral

O aperfeiçoamento do ser moral parece ser o objetivo que busca a vida no homem e, quando nós refletimos sobre isso, temos a impressão de realizar aqui embaixo uma experiência de importância maior.

Do ponto de vista filosófico puro, esse objetivo parece mais extenso do que o simples desenvolvimento da inteligência discursiva – de onde se tem a urgência de recorrer à intuição, pois é antes de tudo por ela que o coração se clareia e toma consciência das insuficiências, das imperfeições de nossa natureza. A intuição é um tesouro para nós, de onde podemos retirar riquezas insuspeitáveis. É por ela que tomamos consciência do papel que devemos assumir no universo das almas.

Ora, se nós somos sinceros, devemos constatar que preenchemos mal esse papel, por nossa própria falta. Uma falha congênita nos retém nesse círculo estreito de tendências e de hábitos adquiridos. Em nós, o velho homem se instalou e quer manter seu lugar.

Como se tornar o homem novo que desejamos ser? É simplesmente uma questão de inteligência? Evidentemente, não. Somente por nossas forças, não conseguiríamos. A ajuda potente que nos faria alcançar não pode vir senão do alto. É aqui a hora da noite em que Nicodemos vai encontrar Cristo e absorve suas maravilhas.

O “novo nascimento”, fundamento da vida cristã, não é possível senão com a ajuda do Espírito de Deus. Esses são os espíritos de Deus que têm qualidade e potência para nos trazer a ajuda necessária e há aí um espetáculo muito tocante de solidariedade, de ajuda mútua espiritual.

Nesse aspecto, o espiritualismo é uma escola de fé, no que essa fé se baseia nas observações que se fazem sobre si mesma e que se pode exercer em torno de si. Toda fraternidade espiritualista pode se tornar um centro de pesquisas desprendidas, de estudos frutíferos e de aperfeiçoamento moral. O cristianismo em seus primórdios devia apresentar esse caráter de ensino direto, com toda a autoridade que se ligava ao ministério dos apóstolos.



## Vidas Sucessivas

A noção de sobrevivência implica em vidas sucessivas, crença creditada pela tradição, ensinada sob diversas modalidades pelos grandes santuários da antiguidade. Vidas sucessivas, reencarnação, pois para o aperfeiçoamento da alma, uma única vida na terra é pouca coisa. Os santos tiveram que lutar para serem bem-sucedidos e se pode supor que eles não estão em sua primeira tentativa.

Grandes espíritos, no início, foram o pivô do ensinamento cristão: Amônio, Clemente da Alexandria, Orígenes. O origenismo foi rejeitado pelo Concílio de Constantinopla e a questão foi reservada pela Igreja.

Será ainda por muito tempo? É uma questão que se pode colocar, tendo em vista que a ideia está no ar e que ela circula em todos os meios.

A Igreja reformada combateu a reencarnação como contrária ao espírito da Bíblia. O argumento não é definitivo, dado que o retorno de Elias é anunciado como evento possível no Novo Testamento.

Nota-se que o espiritualismo anglo-saxônico que aceita a ideia de vidas sucessivas se mostra menos aberto à reencarnação que os países latinos. Questão de formação religiosa, talvez. De resto, a divergência não é geral.

É preciso considerar que tal problema é dos mais complexos e que ele abraça um horizonte tal que não se poderia sonhar dar uma solução definitiva. Tudo que se pode dizer é que o ensinamento dos espíritos forneceu bastante força à ideia para que ela faça corpo com a noção de imortalidade. Sua rejeição pura e simples não pode mais ser admitida.

## O Mal

É verdade que nós somos ligados ao Espírito do mal por uma infração comum às leis divinas? As Escrituras o afirmam. Sempre que o mal esteja em ação nesse mundo, qualquer que seja o nome que lhe seja dado.

Alguns definem o mal por uma ausência do bem. É preciso que seja um princípio negativo. As catástrofes que chocam a humanidade evidenciam um malefício real. O fato de não ter consciência de que há um gênio do mal não implica em que ele não exista, e basta examinar a si mesmo para se dar conta que todo homem deve contar com ele.

Se ele não existe, a revelação teria mentido, os livros sagrados repousariam

sobre a mesma impostura, o próprio espiritualismo estaria, por sua vez, falsificado e os santos seriam indignos de crença.

Diz-se que o Príncipe desse mundo estabeleceu seu poder sobre os homens porque estes o seguiram em sua prevaricação. Reconhecemos que nossa espécie não peca nem por modéstia nem por excesso de bondade. Os filhos dos titãs não abdicaram ao orgulho de seus pais; mas a audácia se paga quando ela não é empregada em um objetivo lícito.

A soberana Sabedoria, de resto, não nos impede em nada de nos liberarmos da grande força que nos oprime e nos faz escravos, e é justamente esta luta pela independência que cerca os elementos de nossa grandeza futura – muito melhor que, se assim o quisermos, Deus nos ajude.

É trabalhando nessa libertação que nossas energias latentes poderão se exercer progressivamente no sentido do bem, romper com os maus hábitos tomados pela facilidade, rejeitar as doçuras trapaceiras que retêm a alma em servidão.

Pelos meios de introspecção que ele nos fornece, o espiritualismo contribui para nos abrir o entendimento sobre esse grave problema, torna-nos vigilantes e prudentes, atentos antes de tudo aos mandamentos da consciência que são as vozes de nossa alma divina.

O bem e o mal, qual prevalecerá?

Não poderia ser o mal porque ele destrói a si mesmo; mas é preciso levar o combate a seu termo; é preciso fazer triunfar o bem, que é a vida, a vida eterna.

A imortalidade só pode existir em Deus.

# II

## OLHADA RETROSPECTIVA

### O Espiritismo

Do grande movimento de ideias no qual tomou lugar o espiritismo há mais ou menos um século, busca-se em vão na história algum outro que possa ser comparado a ele. Sua repercussão no domínio religioso e no domínio científico foi e permanece considerável. O problema que ele coloca, em particular, diante da ciência contemporânea, não é dos que podem ser evitados. Eis um ponto estabelecido.

Coisa relativamente nova, esse movimento interessa não tanto ao Oriente imaginativo e crendo que o Ocidente positivista onde ele nasce, pois ele vem da América. Ora, a América, país novo, é a terra de eleição da ciência moderna em inovações de todos os domínios.

Por volta da metade do século XIX, encontramos o espiritismo levado à Inglaterra, onde ele não cessará de prosperar, uma vez que dez anos mais tarde, ou seja, por volta de 1860, a Sociedade Dialética de Londres entra em efervescência após a marcha do médium Home nos cursos da Europa. A controvérsia é tão ardente e tão passional que para tentar resolvê-la, William Crookes, cujo renome é universalmente estabelecido, é tomado como árbitro. Conhecemos o resultado de suas experiências famosas, o estupor e também as resistências que acolheram seu testemunho nos meios intelectuais. Seus relatórios, devidamente registrados e publicados, não perderam nenhuma força: os fatos estão aí, os fatos permanecem. Eles esperam da ciência uma explicação válida ou ao menos a emissão de hipóteses de trabalho em relação às nossas conquistas atuais.

A França seguiu a Inglaterra a uma distância respeitosa. É preciso que nossos sábios tenham tido a mesma decisão e a mesma bravura que os da Inglaterra. São médicos que levaram esses estudos para a Inglaterra: um Crookes, um William Barrett, um Sir Joseph Oliver Lodge. Na França, são médicos que abordaram a questão: o Professor Charles Richet, o Doutor Geley, o Doutor Osty. Mas o medo do ridículo, em nós, paralisa as melhores intenções. Charles Richet, que tinha encaminhado as mesmas pesquisas com seus amigos de Londres, teve de esperar

um fim de carreira para colocar seus trabalhos sobre a metapsíquica. Foi apenas em 1919 que foi criado em Paris o centro de estudos reconhecido como utilidade pública, que teve o nome de Instituto Metapsíquico Internacional, cuja duração seria efêmera, mas cujos trabalhos se mantêm para a ciência.

## A Metapsíquica

Os fatos que a metapsíquica estuda não variam em nada e são limitados em sua quantidade. Não se pode forçá-los nem renová-los segundo a vontade dos experimentadores, o que resfria sua atenção.

O que quer que seja, as pesquisas empreendidas nesse domínio não foram inúteis, e são apenas uma prévia. Das experiências do início, com William Crookes como experimentador, e Home como sujeito, Charles Richet pode dizer que elas desafiam a crítica; e mais, é preciso reconhecer que a ciência do Ocidente traz na sequência sua pesquisa com um ardor dos mais louváveis.

“O que vocês dispensaram em engenhosidade, penetração, paciência, tenacidade na exploração da ‘terra incógnita’ dos fenômenos psíquicos, sempre me pareceu admirável”, declara Bergson a seus amigos ingleses que tinham lhe dado a honra de convidá-lo para presidir seus trabalhos em 1913. “Mas mais do que esta engenhosidade e mais do que esta penetração”, acrescenta ele, “mais do que sua infatigável perseverança, eu admiro a coragem que vocês tiveram, sobretudo nos primeiros anos, para lutar contra os preconceitos de boa parte do público e para enfrentar a zombaria que assusta os mais valentes”.

Graças a essa coragem e a essa tenacidade, resultados apreciáveis foram alcançados. O espiritismo, ainda que tivesse apenas este mérito, ele é de peso, pois ter forçado os cientistas a abandonar algumas rotinas seculares e a servir à verdade com a imparcialidade a que ela tem direito, é, sem dúvida, ter feito um trabalho útil.

Tudo o que serve à espiritualidade não pode ser senão em benefício da civilização.

## Metapsíquica e Teologia

No livro, ao qual retornaremos, intitulado: O Espiritismo frente à História, à Ciência e à Religião, publicado em 1936 (1), o Pastor Roger Gardon não deixa de mencionar que ele é Membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres. Por



outro lado, o padre Ménage, uma das luzes da Universidade Católica Contemporânea, no curso de seu livro *A Imortalidade*, publicado em 1926, menciona suas investigações pessoais sobre os fenômenos registrados no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris. Digamos que elas mostram uma grandeza de espírito que o autor anterior está longe de possuir.

Eis o que se lê sob a assinatura do Padre Ménage:

“A credulidade é um fato, a crítica – aqui compreendida a crítica mórbida – é outro”.

(1) *Rouge et Cie, éditeur, Lausanne.*

“E se a crítica submeteu, às reações de seus ácidos corrosivos, o bloco suspeito dos chamados fenômenos ‘sobrenaturais’, por que não conceder crédito àqueles que a manuseiam sem motivo oculto e com o único objetivo de desembaraçar o verdadeiro do falso ? ...

“Os trabalhos da sociedade (trata-se do Instituto Metapsíquico) não merecem a atenção do mundo instruído? Abandonem, como vocês têm direito, as ideias filosóficas pelas quais se incentiva a interpretação dos resultados das experiências positivas, e considerem apenas essas experiências em si mesmas e por elas mesmas...”

“Ataques ocorreram. Polêmicas surgiram, mas ninguém é obrigado a andar de olhos fechados e, mais importante, a se deixar dominar pelo tom, por vezes excessivo, das discussões da imprensa. As peças do processo não estão condenadas ao sigilo de arquivos inacessíveis. Cada um pode lê-las, estudá-las e formar uma opinião fundamentada sobre eles...”

“Por que recuar e supor não se sabe qual maquinação sábia e odiosamente combinada contra a verdade?”

E eis mais além uma apreciação que não carece de coragem:

“Vamos extrair dessa análise - o autor se pergunta - um princípio geral definitivo sem apelo?”

“Não, certamente. Mais uma vez, o campo das investigações permanece aberto e minha única intenção era mostrar que, de fato, ele permanece aberto às pesquisas imparciais e – por que não dizer – científicas.

“Pode-se, sob a condição de não trazer para o exame dos fenômenos uma posição de negação brutal; pode-se, sem ser obrigado em hipótese alguma, compartilhar o ponto de vista espírita, pode-se, digo, conceder um lugar no estudo filosófico do grande problema da sobrevivência e imortalidade da alma, a este conjunto de fatos singulares hoje agrupados sob o termo metapsíquica”. (1)

(1) *L'Immortalité. Pion, éditeur, págs 144 et 145.*

## Espiritismo e Metapsíquica

“O espiritismo será científico ou ele não será” Essa frase de Allan Kardec, muito frequentemente citada, não parece ter sido sempre bem compreendida. O autor, em nossa opinião, quis dizer que os fatos sobre os quais o espiritismo se baseia são e deverão permanecer controláveis, providos de uma base científica, uma vez que o espírito moderno tem exigências às quais é preciso se conformar. Mas aqueles que, a partir daí, julgaram necessário encerrar o espiritismo no estreito quadro da experimentação científica, estavam enganados, em nossa opinião, e entenderam mal o pensamento do mestre. O desejo de reproduzir os fatos, de acumular as provas, levou muitos médiuns e experimentadores imprudentes a um fundo de aparências, onde a mente frequentemente tropeça e não consegue mais se reencontrar. Não poderia advir nenhum bem real daí, mas havia nisso mais que um obstáculo, onde o menor foi o descrédito.

Um mundo de inimigos procurava, por todos os meios, desacreditar a nova crença, e alguns, imprudentemente, forneciam-lhes garantias. Eles ignoravam que não se força a convicção das pessoas, especialmente pessoas de opinião formada. Eles esqueceram que o método dos espíritos é feito de paciência e de persuasão. Sua insistência, sua impaciência foi de encontro ao objetivo que pretendiam alcançar. Não havia pacto com o diabo, certamente; havia um erro de ótica, simplesmente.

Em meios adversos, essa tendência foi registrada para formular graves imputações. Ter “materializado a espiritualidade”, ser um “espiritualismo reverso”, uma “religiosidade de qualidade inferior”, eis as críticas mais vivas que se direcionaram ao espiritismo, e são elas que ainda encontramos hoje entre muitos teólogos católicos e reformados. Um concerto de imprecações vindo mundo religioso não parou de se levantar contra os métodos geralmente usados nos meios espíritas. Teólogos e clérigos persistem em denunciar essa nova heresia, ainda mais detestável do que suas antecessoras, dizem eles, e em apontar os perigos para os fiéis.

Não devemos rejeitar com desdém os julgamentos dos outros, vista a crítica do adversário, mas aqui o exagero é visível. Nós não estamos mais no fanatismo explosivo das épocas em que se travavam violentas lutas religiosas. É preciso ver as coisas mais objetivamente. Se heresia era patente, não vemos como um número impressionante de fiéis teria chegado ao espiritismo, apesar das reiteradas advertências dos confessores; como outros reconciliariam as duas crenças, alternadamente extraindo de uma e de outra os alimentos de sua fé; é ainda

menos compreensível que membros do clero tenham ousado abertamente tomar a defesa do espiritualismo nas obras retumbantes. E apreende-se, nesta mesma atitude, que no fundo não há, não pode haver uma divisão entre o cristianismo e o espiritismo.

## Cristianismo e Espiritismo

Deve-se admitir que o objetivo do espiritismo nunca mudou. Apesar de algumas divergências de método, ele se desenvolveu segundo as diretrizes dadas por Allan Kardec. Eis o que ele escreveu no Evangelho Segundo o Espiritismo, sobre a missão de Jesus de Nazaré:

“Jesus não veio para destruir a lei, isto é, a lei de Deus; ele veio para cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o seu verdadeiro significado e adequá-la ao avanço dos homens; é por isso que encontramos nesta lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que é a base da doutrina.

"Mas o papel de Jesus não era simplesmente o de um legislador moralista, sem autoridade que não a sua palavra; ele veio cumprir as profecias que anunciavam sua vinda; ele obtinha sua autoridade de sua natureza excepcional, seu espírito e de sua missão divina; ele veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não está na Terra, mas no reino dos céus; ensinar-lhes o caminho que leva a ela, os meios de reconciliação com Deus e antecipá-los em sua caminhada sobre coisas que estavam por vir para o cumprimento dos destinos humanos".

Eis aqui em quais os termos encontramos a mesma ideia representada no Congresso Internacional (Paris, em 1925, ou seja, três quartos de século distante da publicação do Evangelho Segundo o Espiritismo).

“O objetivo da revelação espírita, de acordo com o testemunho dos próprios espíritos, não é apenas provar a sobrevivência da alma, mas também trazer de volta a humanidade desencaminhada à verdadeira doutrina de Jesus Cristo.

“Muitos espíritas, talvez, perderam de vista esse objetivo supremo das comunicações com o Além. Para os espíritos que a esqueceram, como para os cristãos que nunca a conheceram, é útil lembrá-la e destacá-la, invocando o próprio testemunho dos mensageiros celestes.

“Esse movimento de ideias não se produziu de maneira incoerente; obra coletiva dos espíritos enviados por Deus, a revelação espírita veio em seu tempo. Lançou novas luzes sobre as origens do cristianismo, levou os homens à pura doutrina de Jesus, restaurou a paz às almas perturbadas ao explicar de forma racional os mistérios do destino. Ela arrancou do materialismo um grande número de buscadores sinceros, devolveu a honra do espiritualismo apoiando-o sobre

fundamentos novos e inabaláveis”.

Não há dúvida, bem entendido, que a revelação é por excelência “A Boa Nova”, é o Evangelho de Jesus.

“O que torna o Evangelho a revelação por excelência, que dá o seu caráter verdadeiramente divino”, escreve Jean Reville, em Palavras de um crente livre, “é que ele eleva a sua maior potência todos os sentimentos generosos, todos os grandes impulsos da alma humana; é que ele concentra, em uma harmonia radiante de amor a Deus e de amor pelas criaturas, todas as obrigações sagradas que o Pai Celestial gravou na consciência dos homens e que imprimem seu caráter superior e divino em nossa miserável existência efêmera, em um planeta muito pequeno”. (1)

(1) *Rapport Emile Dujardin, Congrès de Paris 1925, pages 218 et suivantes.*

## Ilusão Perniciosa!

Incompreensão dos adversários ou preconceito? Alguma intransigência permitiria supor que há os dois ao mesmo tempo.

O professor Bridel, da Faculdade Protestante de Lausanne, escreve no prefácio do livro do pastor Glardon, que convém “se desvencilhar o quanto antes do que é apenas uma ilusão perniciosa e, no fundo, revolta contra Deus, que quis para nós, pecadores, que a morte fosse apenas... a morte”. Ou seja, não é um mistério selado.

Entende-se, portanto, que Pitágoras e Platão, de um lado, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, de outro, e quantos pensadores ilustres na sequência, perderam seu tempo e pactuaram com Lúcifer ao tratar do problema do destino humano.

Além disso, vemos os “adventistas” liderando contra o espiritismo uma campanha de uma violência extrema.

“A noção de sobrevivência”, escreveu o pastor Glardon, “só satisfaz os espíritas na medida em que desperta em seus cursos a crença na vida eterna; os espíritas são fervorosos e religiosos na medida em que mantêm os principais elementos da fé cristã enraizados em seus corações, enquanto praticam o espiritismo”.

A rigor, isso poderia ser verdadeiro para as mulheres; mas é uma opinião extremamente falha quando se trata de homens. Muitos espíritas, pessoas de boa vontade, mas não tendo fé, vieram do agnosticismo ao espiritualismo, por amor à verdade, empregando a via que lhes parecia a mais segura, a via experimental, de acordo com as exigências do espírito moderno.

Em alguns escritores católicos, encontraríamos mais compreensão se se reportassem ao seguinte testemunho.

Na Vida de Elisabeth Leseur, de R. P. Leseur, Irmãos Pregadores, lemos essas



linhas corajosas, serenas e edificantes:

“Elizabeth escreveu que num certo momento o véu que separa o mundo da terra do mundo do Céu se torna transparente. Ela mesma fez a experiência e quantos são os que se renovaram! Eu estou entre esses e eu posso trazer meu testemunho”.

Não é, portanto, para o eminente eclesiástico que escreve essas linhas, uma “ilusão perniciosa” olhar para além das fronteiras da morte, mas uma experiência permitida e legítima.

“Quanto mais eu vou”, ele confia ao seu correspondente, “mais estou convencido de que os mortos são os verdadeiros vivos, que estão na luz e na vida total, e que estão perto de nós, nos guiam e nos rodeiam. É o que o catolicismo chama de comunhão dos santos, e eu não sei de nada mais doce, mais reconfortante que esta convicção”.

Se não abusarmos, essa convicção é também a dos espiritualistas. O Ocidente, além disso, sempre acreditou nisso.

“Elizabeth”, disse o autor, “fez da comunhão dos santos um dos alimentos de sua vida interior, e ela provou dali a fecundidade espiritual; ela extraía dali consolo e coragem. Nós amamos nossos queridos mortos, nós permanecemos em estreitas relações com eles através do pensamento e da oração, mas eles também nos veem, nos amam, velam por nós, oram por nós; sua presença é invisível, mas real” (2).

*(1) Vie d'Elisabeth Leseur, par le R. P. Leseur, p. 327, 328. De Gigord, éditeur, Paris.*

Aqui está o que o bispo Bougaud escreveu sobre o mesmo assunto:

“O grande e triste erro de alguns, mesmo bons, é imaginar que nos deixam aqueles que a morte leva. Eles não nos deixam. Eles ficam.

“Onde eles estão? Nas sombras? Oh, não, nós é que estamos na sombra. Estão ao nosso lado sob o véu, mais presentes do que nunca. Nós não os vemos porque a nuvem a obscura nos envolve, mas eles nos veem. Eles mantêm seus belos olhos cheios de glória, fixos em nossos olhos cheios de lágrimas. Os mortos são invisíveis, eles não estão ausentes”.

Onde está, em tudo isso, “a ilusão perniciosa”?

## A Encarnação

Alguns relatos do espiritismo com o cristianismo não podem ser relegados ao silêncio. O pastor Gardon, no trabalho que já citamos, é forçado a concordar:

“Se procurarmos resumir as relações do espiritualismo com o cristianismo”, escreve, “pensamos que uma única palavra pode desempenhar esse papel sintético, o da encarnação”.

“Com isso, entendemos um fenômeno primordial que consiste, para descrevê-lo

em linhas gerais, primeiro, na cisão que às vezes ocorre entre o consciente e o subconsciente, depois, no papel preponderante do subconsciente liberado do controle da personalidade à qual ele pertence e, enfim, na posse deste subconsciente por uma influência boa ou ruim de acordo com as circunstâncias que produziram a cisão.

“Quando essa cisão entre o consciente e o subconsciente é obtida fixando-se o pensamento em um ideal, ou mesmo em uma ideia, ainda assim pode haver uma obsessão se esse ideal ou essa ideia forem de natureza inferior; caso contrário, será o que é chamado de gênio, um estado no qual um homem, artista ou estudioso se beneficia, não apenas das riquezas de seu subconsciente, mas também daquelas que ele recebe por meio de telepatia e clarividência inconsciente.

“Também é possível que essa cisão tenha um caráter religioso quando ocorre após uma oração particularmente fervorosa, uma contemplação e uma adoração particularmente recebidas e intensas. Nesse momento, não é um poder diabólico, nem uma influência humana qualquer, nem uma ideia ou ideal encarnado, mas sim uma influência divina que a alma piedosa chamou para si. Encontramo-nos então diante dos fatos realizados pelos santos e sobretudo pelos apóstolos, os milagres e prodígios narrados pelos Atos.

“Finalmente, quando esta encarnação é perfeita, total, absoluta, encontramos apenas um exemplo para citar, o do homem que era completamente divino, o de Cristo, Filho de Deus, tornando-se completamente homem, e isso sem meio artificial e acessório que possa se remeter à ciência dos homens, como é o caso dos jejuns e dos flagelantes, por exemplo, e sobretudo dos produtores de prodígios como os faquires.

“Em Cristo, somente a oração intervém, e através dela reina a constante comunhão entre o Pai e o Filho, por ela se cumprindo o milagre da encarnação”. Estamos de completo acordo.

## Falta de Medida

Além disso, um ajuste é necessário, porque o autor descobre sua opinião formada e sua falta de medida.

“No caso do espiritismo”, continua ele, “onde esta cisão ocorre em condições deploráveis, o subconsciente do médium, e mesmo dos assistentes, presta-se a qualquer influência ruim ou desajeitada que se apodera dele, seja resultante de todas as influências exercidas pelos assistentes, ou simplesmente de uma personalidade dominante, ou de uma personalidade externa ao círculo e distante,

ou enfim a do poder do próprio mal, sob uma forma qualquer em que se represente: nesse último caso, encontramos-nos diante de um caso de obsessão e até mesmo de possessão” (pp. 252, 253).

Se fosse assim, o espiritismo dificilmente escaparia da acusação de má conduta individual e social que alguns opositores não hesitaram em levantar contra ele. Mas o exagero - em tudo - de nada vale. A mais elementar equidade e o bom senso fizeram justiça a tal manobra. Nada permitia tal generalização. E também nós não utilizamos uma clava para argumentar.

Em suma, o espiritismo não cedeu em nenhum dos pontos de seu programa. Este se encontra resumido na declaração de Conan Doyle, no congresso de 1925.

“Nós não nos opomos a nenhuma religião;”, disse ele, “nós oferecemos ao mundo inteiro aquilo que temos. Simplesmente dizemos: Eis o que descobrimos. Peguem, empreguem da melhor maneira que puderem”.

## Revelação Progressiva

No mais, eis aqui a exposição das principais características da doutrina, tal como as encontramos formuladas na introdução do O Evangelho e o Espiritismo. Elas não perderam nada de sua atualidade:

a) “O caráter essencial da doutrina espírita é sua universalidade. Na falta de homens para difundi-la, sempre haverá os espíritos que alcançam todo mundo e que ninguém consegue atingir”.

b) Essa universalidade concerne ao ensino exclusivamente moral. “As revelações que cada um pode obter têm um caráter puramente individual”.

c) “A garantia de autenticidade está na concordância das revelações feitas espontaneamente. Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa, deve ser rejeitada”.

d) “O princípio da concordância ainda é uma garantia contra as alterações que poderiam ser feitas ao espiritismo pelas seitas que gostariam de se apoderar dele para seu próprio proveito e acomodá-lo como quiserem.

e) “As instruções dadas pelos espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da doutrina não podem se tornar lei enquanto permanecerem isoladas.

f) A revelação dos espíritos superiores é medida e segue uma marcha progressiva. A iniciativa pertence aos espíritos missionários. Ela não pode ser acelerada sem grave prejuízo.

Deve-se notar que a revelação dos espíritos parece ter que seguir um curso diferente desde os eventos sem precedentes que acabamos de viver. Uma época acabou, outra começa. Não apenas uma época, mas uma nova era. O mundo de

amanhã não parecerá nada com o de hoje. Em consequência, revelações mais altas virão, talvez não mais pelos meios modestos empregados até agora, mas por vozes autorizadas e com maior alcance.

No entanto, o movimento espiritual dos séculos XIX e XX não terá sido inútil; o arquiteto da renovação que se anuncia, seu programa continua o mesmo: preeminência do espírito.

# III

## NOVA ORIENTAÇÃO

### O Espiritualismo e a Religião

O espiritualismo observa uma atitude fundamentalmente religiosa. Ele é religioso sem deixar de recomendar a ciência, pois a ciência não exclui a religião. Em princípio, e de fato, são inseparáveis.

O espiritismo é a base de todas as grandes religiões, assim como de todos os grandes sistemas filosóficos: está no vedantismo, no pitagorismo, no cristianismo. É o cristianismo trazido de volta à sua fonte.

Na versão dos Evangelhos - a mais antiga das conhecidas, e da qual um jogo de provas foi depositado no Museu Britânico - Jesus é chamado de "Salvador dos Espíritos". No livro de Enoque, é Javeh que é assim designado.

É importante afirmar que o espiritualismo procura nada mais do que tornar a religião mais eficiente através da observação pessoal das relações entre o visível e o invisível. Responde às necessidades do espírito moderno que pede ser informado pelo caminho experimental.

Não há razão para não procurar satisfazer essa necessidade. Jesus não se recusou a fazer milagres diante do povo; ele não se recusou à prova dos fatos a um de seus apóstolos. A entrada do templo está aberta a todo homem que vem procurar o clarão da verdade. Não é este o próprio princípio do cristianismo apostólico?

O objetivo essencial perseguido pelo espiritismo moderno não mudou: é a reeducação espiritual dos não-crentes tomados pelas teses materialistas; é o estudo do homem interior pela observação de fatos sobrenaturais; é a formação do bem pela emulação que nasce da comunhão dos bons espíritos.

Os meios preconizados para alcançar este objetivo são todos baseados na persuasão.

"Não violem nenhuma consciência, não obriguem ninguém a deixar sua crença para adotar a sua; não lancem nenhum anátema sobre aqueles que não pensam como você; acolham aqueles que vêm até você e deixem livres os que lhes rejeitam" (1)

(1) *O Evangelho Segundo o Espiritismo.*



Em outras palavras, confiem no Espírito. Tolerância, paciência, persuasão, fé na ideia, liberdade total: os meios não podem variar.

As dificuldades de tal programa são numerosas, não devem ser ocultadas. Portanto, o espiritualismo tudo espera do testemunho dos fatos, e esses fatos estão ligados ao jogo das faculdades subnormais, seu triunfo ou fracasso depende do bom uso ou não tão bom ou [mesmo] mau uso da mediunidade. Agora, o instrumento mediúnico é de um foco laborioso nas condições em que vivemos hoje.

A confusão de ideias, o conflito de apetites e paixões, as contrariedades de todos os tipos que resultam desse estado de coisas mantêm um estado de violência e desconforto que sempre ressoa infeliz no organismo dos seres suprassensíveis.

E o mal tem bom jogo para embaralhar ou falsificar os resultados esperados.

Este é o ponto fraco da couraça. A todo custo devemos evitar fornecer, por distração ou imprudência, um ponto de apoio ao poder maligno que assola o mundo.

A prudência é necessária. A comunicação com os mortos, que foi procurada – em um propósito dos mais louváveis, entenda-se – apresenta hoje mais que uma armadilha. Por mais respeitável que seja o objeto, em princípio, não deve ser buscada por si mesma, como favor nem, acima de tudo, provocada. Tal iniciativa não pertence à criatura.

A sabedoria das nações diz: não devemos fazer os mortos falarem. Não que os mortos não tenham nada a dizer: toda a ciência não veio deles? Mas, se Deus permitiu excepcionalmente esses contatos com o invisível para nossa edificação espiritual e no interesse geral quando os mortos devem falar aos homens, é proibido que estes provoquem efusões de ordem pessoal.

A violação no além é condenável, qualquer que seja o objetivo. A operação releva artes mágicas. A única atitude permitida pelos espiritualistas é de aguardar em esperança.

Críticas foram feitas sobre isso no passado; elas foram renovadas. Por que, dir-se-á, reconhecem isso tão tarde? É porque elas não levavam em conta o estado das almas submersas por dois séculos pelas sucessivas ondas do materialismo invasor.

Deveria deixá-los na ignorância, estas almas, e não tentar tirá-las? Pode-se acreditar que Deus age de acordo com as circunstâncias. Ora, as circunstâncias eram tais que era necessário chacoalhar os espíritos para que eles saíssem de seu entorpecimento. Durante um certo período de tempo, as sondagens no Além, operadas pela via espírita, foram toleradas, não apenas toleradas, mas visivelmente facilitadas. Os fenômenos imprevistos, extraordinários e estupendos, que foram registrados e devidamente constatados por muitos anos, tinham por objetivo, sem dúvida, despertar e fixar a atenção dos homens do Ocidente sobre as

possibilidades, ver a certeza da sobrevivência, primeiro elemento de toda a civilização.

Por um tempo o véu foi levantado. A ideia está no ar novamente. O objetivo foi alcançado. Mas o fato catastrófico de uma guerra ainda mais assustadora que a anterior, que interrompeu o curso normal de inumeráveis jovens vidas sobre a terra, e isso por uma ruptura imediata, relâmpago, amarras carnis, causou uma desordem planetária e extraplanetária que qualquer incursão no Além constitui um risco real sem compensação apreciável.

## Nova Orientação

O espiritualismo não é o metapsíquico. Este tem em vista o progresso científico, o espiritualismo vê especialmente os ganhos do espírito. Ora, esses ganhos só podem ser estabelecidos nos planos elevados da vida, através da comunhão espiritual com os verdadeiros vivos que são os mortos gloriosos. Ali as leis divinas são observadas, a comunhão se estabelece de acordo com essas leis; ali, por um tempo, estamos no domínio do amor, que é o da obediência a Deus.

Seria essa questão confessional, rigorosamente confessional? Claro que não, porque se trata de leis universais para todos os homens, em qualquer religião a que se refiram. O clero não precisa se ofender; a Igreja não tem que farejar aqui uma heresia de um novo tipo, algum albigeísmo moderno. Trata-se simplesmente para todos nós de tentar sair do caos que nos agarra, para tentar o nosso melhor.

Com a admissão de alguns daqueles que em grande parte contribuíram para nos conduzir onde estamos, a crise pela qual estamos passando é uma crise de moralidade, portanto de abandono. Para combater essa crise, não devemos ter meios diminuídos, mas meios aumentados. Nenhum serviço deve ser repellido quando a civilização está em perigo. Ora, o espiritualismo está consciente de poder contribuir para o fortalecimento da fé, para a restauração dos valores espirituais, uma garantia para as nossas sociedades à deriva.

Durante a revolução que está ocorrendo diante de nossos olhos, uma revolução de magnitude única na história, o cristianismo é chamado a esposar novas formas, a se adaptar às exigências dos novos tempos. E quem diz cristianismo, diz humanismo.

Para realizar este humanismo: compreensão mútua e confiança no Espírito que vem.

## A Sociedade da Verdade

No último capítulo de Cristianismo e Espiritismo, aparecem essas linhas do início do século: “A terra viveu muitos dias sombrios, muitos dias de luto; outras tempestades estourarão e as tempestades passarão. O céu azul reaparecerá.

O trabalho divino florescerá em uma nova eclosão. A fé renascerá nas almas e o pensamento de Cristo brilhará novamente”.

Em sua serena afirmação, esse pensamento de Léon Denis se impõe hoje à nossa atenção. Nós sentimos que uma renovação se prepara e que a era que se anuncia será a do Espírito. Somente ele pode nos abrir os caminhos que devemos seguir, e eis a pergunta que pode ser feita ao mundo religioso:

"Vocês vão se encontrar, pastores de toda fé, na presença do grande rebanho, em parte perdido, que já não escuta a voz de seus pastores. Ele não sabe em quem acreditar e para onde ir. Vocês acham que os textos veneráveis reverterão, de acordo com a sua vontade, nos livros antigos, um chamado suficientemente convincente para reunir a fé daqueles que a perderam? Estimam que o tradicional exercício de cultos, os antigos rituais, falarão tão forte aos corações das multidões que o modernismo distanciou do altar? Nessa indigência dos meios que as circunstâncias lhe impõem, vocês estão seguros de triunfar, por si próprios, sobre as dificuldades que surgem de todos os lados?

Para que a mente de Cristo resplandeça de novo, para que a fé possa retornar ao coração dos homens para reviver a esperança, não parece que o esforço deve ser feito em todos os meios capazes de receber o influxo do Espírito?

Por que o espiritualismo não teria um papel a desempenhar, e um grande papel, no trabalho de libertação do homem, da verdadeira libertação? Há uma coisa que mais importa neste mundo: é o serviço da verdade. Os mais conhecedores entre nós são ignorantes, deve-se dizer; mas é suficiente que nós amemos com amor ardente, essa verdade que nos é cara, para que nos aproximemos dela; nenhum poder tem autoridade para impedir às pessoas de boa vontade o caminho que ela ilumina: Jesus de Nazaré falou por todos.